



A COISA
IT
STEPHEN
KING



STEPHEN
KING

it A COISA

Tradução
Regiane Winarski



Copyright © Stephen King, 1986

Publicado mediante acordo com o autor através de Lotts Agency

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

It

Capa

Rodrigo Rodrigues sobre layout original

Imagem da capa

Glen Orbik

Revisão

Rita Godoy

Ana Kronemberger

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K64c

King, Stephen

It: A Coisa [recurso eletrônico] / Stephen King; tradução Regiane Winarski. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

recurso digital

Tradução de: *It*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8105-152-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título.

14-13153 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Este livro é dedicado com gratidão aos meus filhos. Minha mãe e minha esposa me ensinaram a ser homem. Meus filhos me ensinaram a ser livre.

NAOMI RACHEL KING, 14 anos;

JOSEPH HILLSTROM KING, 12 anos;

OWEN PHILIP KING, 7 anos.

Crianças, a ficção é a verdade dentro da mentira, e a verdade desta ficção é bem simples: *a magia existe*.

S. K.

“Esta velha cidade é meu lar desde que lembro
Esta velha cidade vai estar aqui bem depois que eu for
embora.

Lado leste, lado oeste, dê uma boa olhada nela
Você anda mal, mas ainda faz parte de mim.”

— *The Michael Stanley Band*

“Velho amigo, o que você procura?
Depois de tantos anos fora você volta
Com as imagens que cultivou
Sob céus estrangeiros
Longe de sua própria terra.”

— *George Seferis*

“Do nada, para a escuridão.”

— *Neil Young*

SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

PARTE 1 – A SOMBRA ANTES

Capítulo 1 – Depois da enchente (1957)

Capítulo 2 – Depois do festival (1984)

Capítulo 3 – Seis telefonemas (1985)

DERRY: PRIMEIRO INTERLÚDIO

PARTE 2 – JUNHO DE 1958

Capítulo 4 – Ben Hanscom sofre uma queda

Capítulo 5 – Bill Denbrough vence o diabo (I)

Capítulo 6 – Um dos desaparecidos: uma história do verão de 1958

Capítulo 7 – A represa no Barrens

Capítulo 8 – O quarto de Georgie e a casa na rua Neibolt

Capítulo 9 – Arrumação

DERRY: SEGUNDO INTERLÚDIO

PARTE 3 – ADULTOS

Capítulo 10 – O reencontro

Capítulo 11 – Caminhadas

Capítulo 12 – Três convidados inesperados

DERRY: TERCEIRO INTERLÚDIO

PARTE 4 – JULHO DE 1958

Capítulo 13 – A apocalíptica guerra de pedras

Capítulo 14 – O álbum

Capítulo 15 – O buraco de fumaça

Capítulo 16 – A fratura ruim de Eddie

Capítulo 17 – Mais um desaparecido: a morte de Patrick Hockstetter

Capítulo 18 – O estilingue

DERRY: QUARTO INTERLÚDIO

PARTE 5 – O RITUAL DE CHÜD

Capítulo 19 – Nas vigílias da noite

Capítulo 20 – O círculo se fecha

Capítulo 21 – Debaixo da cidade

Capítulo 22 – O ritual de Chüd

Capítulo 23 – Para fora

DERRY: ÚLTIMO INTERLÚDIO

EPÍLOGO – BILL DENBROUGH VENCE O DIABO (II)

Aqui expresso meus agradecimentos

PARTE 1

A SOMBRA ANTES

“Eles começam!
As perfeições são acentuadas
A flor abre as pétalas coloridas
sob o sol
Mas a língua da abelha
não chega a elas
Elas afundam de volta no solo
gritando
— pode-se chamar de grito
que rasteja por elas, um tremor
enquanto elas murcham e desaparecem...”

— WILLIAM CARLOS WILLIAMS,
Paterson

“Nascido na cidade de um homem morto.”

— BRUCE SPRINGSTEEN

Capítulo 1

Depois da enchente (1957)

1

O terror, que só terminaria 28 anos depois (se terminasse), começou, até onde sei ou consigo saber, com um barco feito de uma folha de jornal flutuando por uma sarjeta cheia da água da chuva.

O barco balançou, quase virou, se endireitou, mergulhou corajosamente nos redemoinhos traiçoeiros e continuou a seguir pela rua Witcham em direção ao sinal de trânsito que indicava a interseção dela com a Jackson. As três lentes verticais de todos os lados do sinal estavam escuras naquela tarde do outono de 1957, e as casas também estavam escuras. Vinha chovendo sem parar havia uma semana, e dois dias antes os ventos também chegaram. Muitas partes de Derry ficaram sem energia, que ainda não tinha voltado.

Um garotinho de capa de chuva amarela e galochas vermelhas corria alegremente ao lado do barco de jornal. A chuva não havia parado, mas estava diminuindo, enfim. Ela caía no capuz amarelo da capa de chuva do garoto, soando para ele como chuva em um telhado de galpão... um som confortável, quase aconchegante. O garoto de capa amarela era George Denbrough. Ele tinha 6 anos. Seu irmão, William, conhecido pela maior parte das crianças da Escola Derry (e até pelos professores, que jamais usariam o apelido na frente dele) como Bill Gago, estava em casa, se recuperando de uma gripe violenta. Naquele outono de 1957, oito meses antes de os verdadeiros horrores começarem e 28 anos antes do confronto final, Bill Gago tinha 10 anos.

Bill tinha feito o barco com que George agora brincava. Ele o fez sentado na cama, com as costas apoiadas em vários travesseiros, enquanto a mãe tocava

“Für Elise” no piano na sala de estar e a chuva batia sem parar na janela do quarto.

Depois de três quartos do quarteirão no sentido de quem ia para o cruzamento e para o sinal de trânsito apagado, a rua Witcham estava bloqueada ao trânsito por um fogareiro e quatro cavaletes laranja. Em cada cavalete estava pintado DEPTO. DE OBRAS PÚBLICAS DE DERRY. Atrás deles, a chuva jorrava de canais entupidos com galhos, pedras e pilhas grudentas de folhas de outono. A água primeiro abriu brechas no asfalto, depois arrancou pedaços inteiros, isso no terceiro dia de chuva. Ao meio-dia do quarto dia, pedaços grandes da superfície da rua desciam pelo cruzamento da Jackson com a Witcham como canoas em miniatura. Naquele momento, muitas pessoas em Derry já tinham começado a fazer piadas nervosas sobre arcas. O Departamento de Obras Públicas tinha conseguido deixar a rua Jackson aberta, mas a Witcham estava intransitável dos cavaletes até o centro da cidade.

Mas todos concordavam que o pior tinha terminado. O rio Kenduskeag tinha subido até quase a margem no Barrens e poucos centímetros abaixo das laterais de concreto do canal que o espremia pelo centro da cidade. Naquele momento, um grupo de homens — Zack Denbrough, pai de George e de Bill, entre eles — estava retirando os sacos de areia que haviam empilhado no dia anterior com pressa e pânico. A inundação da véspera e os danos causados por ela pareceram quase inevitáveis. Deus sabia que tinha acontecido antes: a inundação de 1931 foi um desastre que custou milhões de dólares e quase duas dúzias de vidas. Isso foi muito tempo antes, mas ainda havia pessoas vivas o suficiente para lembrarem e assustarem os outros. Uma das vítimas da inundação foi encontrada 40 quilômetros a leste, em Bucksport. Os peixes tinham comido os olhos desse cavalheiro infeliz, três dos dedos dele, o pênis e a maior parte do pé esquerdo. Preso no que restava das mãos dele havia o volante de um Ford.

Mas agora o rio estava baixando, e quando a nova represa da hidrelétrica de Bangor fosse erguida rio acima, ele deixaria de ser uma ameaça. Ou era o que dizia Zack Denbrough, que trabalhava na hidrelétrica. Quanto ao resto, bem, as inundações futuras podiam se cuidar sozinhas. A questão era passar por essa,

ter a energia de volta e esquecer. Em Derry, esquecer tragédias e desastres era quase uma arte, como Bill Denbrough descobriria ao longo do tempo.

George parou nos cavaletes, na beirada de uma abertura na superfície de asfalto da rua Witcham. Essa abertura fazia uma diagonal quase exata. Acabava do outro lado da rua, uns 12 metros colina abaixo de onde ele estava agora, à direita. Ele riu alto (o som de alegria solitária e infantil pareceu iluminar aquela tarde cinzenta) quando uma onda na água levou o barco de papel pela cachoeira em miniatura formada pelo asfalto quebrado. A água desesperada abriu um canal que descia pela diagonal, e assim o barco viajou de um lado a outro da rua Witcham, com a corrente carregando-o tão rápido que George teve que correr para acompanhar. As galochas espalhavam água em jatos enlameados. As fivelas emitiam um som alegre enquanto George Denbrough corria em direção à sua estranha morte. E a sensação que tomou conta dele naquele momento foi amor claro e simples pelo irmão Bill... amor e um toque de arrependimento por Bill não poder estar lá para ver e participar. É claro que ele tentaria descrever para Bill quando chegasse em casa, mas sabia que não conseguiria fazer Bill enxergar do jeito que conseguiria fazer com que *ele* enxergasse se as posições estivessem trocadas. Bill era bom em ler e escrever, mas mesmo na idade *dele*, George era esperto o bastante para saber que aquele não era o único motivo para Bill só ter A no boletim, e nem para os professores gostarem tanto das redações dele. *Contar* era apenas parte do talento. Bill era bom em *ver*.

O barco quase voou pelo canal em diagonal, só uma página arrancada da seção de classificados do *Derry News*, mas agora George o imaginava como uma lancha torpedeira em um filme de guerra, como os que ele via às vezes no cinema de Derry com Bill nas matinês de sábado. Um filme de guerra com John Wayne lutando contra os japoneses. A proa do barco de jornal jogava jatos de água para os dois lados enquanto corria, depois chegou à vala no lado esquerdo da rua Witcham. Um novo jorro de água subia pela abertura no asfalto naquele ponto e criava um redemoinho grande, e pareceu a ele que o barco seria inundado e viraria. Ele se inclinou de maneira alarmante, mas George se alegrou quando se endireitou, virou e desceu rapidamente para o cruzamento. George correu para alcançá-lo. Acima da cabeça dele, um sopro

forte de vento de outubro balançou as árvores, agora quase sem o peso das folhas coloridas por causa da tempestade, que naquele ano foi uma ceifeira das mais cruéis.

2

Sentado na cama, com as bochechas ainda vermelhas de calor (mas com a febre baixando, assim como o Kenduskeag), Bill terminou o barco. Mas quando George esticou a mão para pegá-lo, Bill o tirou do alcance dele.

— A-Agora pega a p-p-parafina.

— O que é isso? Onde fica?

— Fica na pra-pra-prateleira do porão quando você está descendo — disse Bill. — Em uma caixa que diz Gu-Gu-ulf... *Gulf*. Traz pra mim, junto com uma faca e uma t-tigela. E uma c-caixa de fu-fu-fósforos.

George foi obedientemente buscar os objetos. Ele conseguia ouvir a mãe tocando piano, não “Für Elise” agora, mas uma outra música da qual ele não gostava tanto; era uma música que parecia seca e barulhenta. Ele conseguia ouvir a chuva caindo regularmente nas janelas da cozinha. Eram sons agradáveis, mas a ideia do porão não era nada agradável. Ele não gostava do porão e não gostava de descer a escada do porão, porque sempre imaginava que havia alguma coisa lá embaixo no escuro. Era bobagem, é claro, o pai e a mãe sempre diziam, e, mais importante de tudo, *Bill* dizia que era bobagem, mas mesmo assim...

Ele não gostava nem de abrir a porta para acender a luz porque sempre pensava (era uma coisa tão idiota que ele não ousava contar para ninguém) que, enquanto estivesse tateando atrás do interruptor, uma garra horrível pousaria de leve sobre o pulso dele... e o puxaria para baixo, para a escuridão com cheiro de terra e umidade e legumes podres.

Idiotice! Não existiam coisas com garras, peludas e cheias de ódio assassino. De vez em quando alguém ficava louco e matava muita gente (às vezes Chet Huntley contava sobre coisas assim no noticiário noturno), e é claro que existiam comunistas, mas não existia nenhum monstro estranho morando no porão. Mesmo assim, a ideia não sumia. Naqueles momentos intermináveis em

que ele procurava o interruptor com a mão direita (com o braço esquerdo segurando a maçaneta com força total), aquele cheiro do porão parecia se intensificar até encher o mundo. Aromas de terra e umidade de legumes estragados se misturavam com o aroma inconfundível e inescapável, o cheiro do monstro, a apoteose de todos os monstros. Era o cheiro de uma coisa para a qual ele não tinha nome: o cheiro da Coisa, agachada, espreitando e pronta para atacar. Uma criatura que comeria qualquer coisa, mas que estava particularmente faminta por carne de garoto.

Ele abriu a porta naquela manhã e bateu eternamente em busca do interruptor, segurando a maçaneta com o aperto habitual, com os olhos fechados com força, a ponta da língua saindo do canto da boca como uma trepadeira em agonia em busca de água em um lugar de seca. Engraçado? Claro! Pode apostar! *Olha pra você, Georgie! Georgie tem medo do escuro! Que bebezão!*

O som do piano vinha do que o pai chamava de sala de estar e a mãe chamava de sala de visitas. Parecia música do outro mundo, bem distante, como conversas e risadas em uma praia lotada no verão devem parecer para o nadador cansado que luta contra a corrente.

Seus dedos encontraram o interruptor! Ah!

Eles o viraram...

... e nada. Nada de luz.

Ah, droga! A energia!

George puxou o braço como se estivesse dentro de uma cesta cheia de cobras. Deu um passo para longe da porta do porão, com o coração disparado no peito. Não havia energia, é claro. Ele tinha esquecido. Que porcaria! E agora? Voltar e dizer para Bill que não podia pegar a caixa de parafina porque não havia energia e ele tinha medo de alguma coisa pegá-lo quando ele estava na escada do porão, uma coisa que não era um comunista nem um assassino em série, mas uma criatura muito pior do que os dois? Que a criatura deslizaria parte do corpo podre entre os degraus da escada e agarraria seu tornozelo? Outros poderiam rir dessa fantasia, mas Bill não ria. Bill ficaria zangado. Bill diria: “Vê se cresce, Georgie... Você quer o barco ou não?”

Como se esse pensamento fosse uma dica, Bill gritou do quarto:

— Você m-m-morreu aí, G-Georgie?

— Não, estou pegando, Bill — gritou George na mesma hora. Ele esfregou os braços para tentar fazer os arrepios sumirem e a pele ficar lisa de novo. — Só parei pra tomar um copo de água.

— Então a-anda logo!

Então ele desceu os quatro degraus até a prateleira do porão, com o coração como um martelo quente batendo na garganta, o cabelo da nuca em pé, os olhos ardendo, as mãos frias, certo de que a qualquer momento a porta do porão se fecharia sozinha, bloqueando a luz branca que entrava pelas janelas da cozinha, e ele ouviria A Coisa, algo pior do que todos os comunistas e assassinos do mundo, pior do que os japoneses, pior do que Átila, o Huno, pior do que as coisas de cem filmes de terror. A Coisa, rosnando profundamente; ele ouviria o rosnado naqueles segundos lunáticos antes de ser atacado e ter as entranhas arrancadas.

O cheiro de porão estava pior do que nunca por causa da inundação. A casa deles ficava no alto na rua Witcham, perto do topo da colina, e eles tinham escapado do pior, mas ainda havia água parada lá embaixo que tinha entrado pela velha base de pedras. O cheiro era suave e desagradável, e fazia você querer respirar superficialmente.

George mexeu nas coisas na prateleira o mais rápido que conseguiu: latas velhas de graxa de sapatos Kiwi e trapos sujos de graxa, um lampião de querosene quebrado, dois vidros quase vazios de Windex, uma velha lata achatada de cera Turtle. Por algum motivo, essa lata chamou a atenção dele, e ele passou quase trinta segundos olhando para a tartaruga na tampa com uma espécie de assombro hipnótico. Mas então ele a jogou de volta... e ali estava enfim, uma caixa quadrada com a palavra GULF escrita.

George a pegou e subiu correndo a escada o mais rápido que conseguiu, ciente de repente de que a parte de trás da camisa estava para fora da calça e certo de que isso seria sua desgraça: a coisa no porão permitiria que ele chegasse quase na saída e agarraria a parte de trás da camisa, o puxaria para trás e...

Ele chegou à cozinha e fechou a porta. Ela bateu com força. Ele se recostou nela com os olhos fechados, o suor brotando nos braços e na testa, com a caixa de parafina presa com força na mão.

O piano tinha parado, e a voz da mãe chegou até ele:

— Georgie, não dá pra bater a porta com mais força da próxima vez? Quem sabe você consegue quebrar alguns dos pratos na cômoda se realmente tentar?

— Desculpa, mãe — gritou ele em resposta.

— George, seu bosta — disse Bill no quarto. O tom de voz foi baixo para a mãe deles não ouvir.

George sufocou um risinho. O medo já tinha ido embora; fugiu dele tão facilmente quanto um pesadelo desaparece para o homem que acorda com pele fria e ofegante; que sente o corpo e olha para os arredores para ter certeza de que nada aconteceu, e então começa a esquecer. Metade já sumiu quando os pés tocam o chão; três quartos quando ele sai do chuveiro e começa a se secar; tudo quando ele termina o café da manhã. Tudo some... até a próxima vez, quando, durante o pesadelo, todos os medos serão lembrados.

Aquela tartaruga, pensou George, indo até a gaveta da bancada em que ficavam os fósforos. *Onde vi uma tartaruga assim antes?*

Mas nenhuma resposta surgiu, e ele descartou a pergunta.

Ele pegou uma caixa de fósforos na gaveta, uma faca do cepo (segurando a parte afiada cuidadosamente longe do corpo, como o pai o ensinara) e uma pequena tigela da cômoda da sala de jantar. Em seguida, voltou para o quarto de Bill.

— Q-Que cuzão você é, Gi-Georgie — disse Bill de maneira afável, e afastou algumas das coisas de garoto doente na mesa de cabeceira: um copo vazio, uma jarra de água, Kleenex, livros, um vidro de Vick-VapoRub, cujo cheiro Bill associaria durante toda a vida com peitos encatarrados e narizes escorrendo. O velho rádio Philco estava lá também, tocando não Chopin nem Bach, mas uma música de Little Richard... Só que bem baixinho, tão baixinho que parecia que tinham roubado todo o poder primordial de Little Richard. A mãe deles, que estudara piano clássico em Juilliard, odiava rock-and-roll. Ela não apenas desgostava; abominava.

— Não sou cuzão — disse George, sentado na beirada da cama de Bill e colocando as coisas que reuniu na mesa de cabeceira.

— É, sim — disse Bill. — Não passa de um grande cuzão marrom, você.

George tentou imaginar um garoto que não passasse de um grande cuzão com pernas e começou a rir.

— Seu cu é maior do que *Augusta* — disse Bill, também começando a rir.

— *Seu cu é maior do que o estado todo* — respondeu George. Isso fez os garotos rirem por quase dois minutos.

O que seguiu foi uma conversa sussurrada do tipo que significa muito pouco para qualquer pessoa além de garotos pequenos: acusações de quem era o cuzão maior, quem *tinha* o cuzão maior, que cuzão era o mais marrom, e assim por diante. Por fim, Bill disse uma das palavras proibidas (acusou George de ser um cuzão grande e marrom de *merda*) e os dois começaram a rir com descontrole. A gargalhada de Bill virou um ataque de tosse. Quando finalmente começou a passar (a essas alturas o rosto de Bill tinha ficado de um tom arroxeadado que George observou com alarme), o piano parou de novo. Os dois olharam na direção da sala de estar, prestando atenção ao som de arrastar do banco do piano, aos passos impacientes da mãe. Bill escondeu a boca na dobra do cotovelo para sufocar as últimas tosses e apontou para a jarra ao mesmo tempo. George serviu um copo de água, que ele bebeu todo.

O piano recomeçou a tocar “Für Elise”. Bill Gago nunca esqueceu essa melodia, e mesmo muitos anos depois, ela sempre lhe deixava com a pele dos braços e das costas arrepiada; seu coração ficava apertado e ele lembrava: *Minha mãe estava tocando isso no dia que Georgie morreu.*

— Vai tossir mais, Bill?

— Não.

Bill pegou um Kleenex na caixa, fez um som retumbante no peito, cuspiu catarro no lenço, amassou-o e jogou na lixeira ao lado da cama, que estava cheia de lenços amassados do mesmo jeito. Em seguida, abriu a caixa de parafina e colocou um cubo da substância na palma da mão. George o observou com atenção, mas sem falar nem perguntar. Bill não gostava que George falasse enquanto ele fazia coisas, mas George aprendera que, se ficasse de boca fechada, Bill costumava explicar o que estava fazendo.

Bill usou a faca para cortar um pequeno pedaço do cubo de parafina. Botou o pedaço na tigela, acendeu um fósforo e colocou em cima da parafina. Os

dois garotos observaram a pequena chama amarela enquanto o vento jogava chuva na janela de tempos em tempos.

— Temos que proteger o barco da água, senão vai ficar molhado e afundar — disse Bill.

Quando ele estava com George, a gagueira ficava leve, e às vezes ele nem gaguejava. Mas na escola, ficava tão forte que falar era impossível. A comunicação era encerrada e os colegas de Bill olhavam para outro lugar enquanto Bill segurava as laterais da mesa, com o rosto ficando quase tão vermelho quanto o cabelo e os olhos apertados por tentar fazer uma palavra sair da garganta teimosa. Às vezes, na maioria delas, a palavra saía. Outras vezes, ela simplesmente se recusava. Ele foi atropelado por um carro quando tinha 3 anos e jogado na lateral de um prédio; ficou inconsciente durante 7 horas. A mãe disse que foi o acidente que causou a gagueira. George às vezes tinha a sensação de que o pai (e o próprio Bill) não tinha tanta certeza.

O pedaço de parafina na tigela estava quase completamente derretido. A chama do fósforo diminuiu e ficou azul ao envolver o palito de papelão, e depois sumiu. Bill enfiou o dedo no líquido e puxou de volta com um ligeiro assobio. Deu um sorriso de desculpas para George.

— Quente — disse ele.

Depois de alguns segundos, ele mergulhou o dedo de novo e começou a espalhar a cera nas laterais do barco, onde ela rapidamente secou e formou uma cobertura leitosa.

— Posso fazer um pouco? — perguntou George.

— Pode. Mas não deixa cair no cobertor senão mamãe vai te matar.

George mergulhou o dedo na parafina, que agora estava morna, mas não quente, e começou a espalhar do outro lado do barco.

— Não coloca tanto, seu cuzão! — disse Bill. — Quer afundar ele no cruzeiro de inauguração?

— Desculpa.

— Tudo bem. Vai d-devagar.

George terminou o outro lado e ergueu o barco nas mãos. Estava um pouco mais pesado, mas não muito.

— Muito legal — disse ele. — Vou sair e botar ele pra velejar.

— É, faz isso — disse Bill. Ele parecia repentinamente cansado; cansado e ainda não muito bem.

— Queria que você pudesse vir — disse George. Ele queria mesmo. Bill às vezes ficava mandão depois de um tempo, mas sempre tinha as ideias mais legais e quase nunca batia. — É seu barco, na verdade.

— *Veleiro* — disse Bill. — Isso aí é um *v-veleiro*.

— Veleiro, então.

— Eu também queria poder ir — disse Bill, mal-humorado.

— Bem... — George se mexeu inquieto com o barco nas mãos.

— Coloca suas coisas de chuva — disse Bill —, senão vai acabar com gripe como eu. Deve pegar de qualquer jeito, dos meus gi-germes.

— Obrigado, Bill. É um barco legal. — E fez uma coisa que não fazia havia muito tempo, um gesto que Bill nunca esqueceu: se inclinou e beijou a bochecha do irmão.

— Agora você vai pegar com certeza, seu cuzão — disse Bill, mas pareceu mais alegre mesmo assim. Ele sorriu para George. — Coloca tudo no lugar. Senão mamãe vai ter um tru-troço.

— Claro.

Ele pegou o material e atravessou o quarto, com o barco precariamente equilibrado sobre a caixa de parafina, que estava inclinada em cima da tigela.

— Gi-Gi-Georgie?

George se virou para olhar para o irmão.

— Toma c-cuidado.

— Claro. — Ele franziu um pouco a testa. Era o tipo de coisa que a mãe dizia, não o irmão mais velho. Era tão estranho quanto se Bill tivesse lhe dado um beijo. — Claro que tomo.

Ele saiu. Bill nunca mais o viu.

Agora aqui estava ele, correndo atrás do barco pelo lado esquerdo da rua Witcham. Estava correndo rápido, mas a água estava ainda mais rápida, e o barco estava se afastando. Ele ouviu um rugido profundo e viu que 50 metros

abaixo na colina a água na vala estava caindo em um bueiro ainda aberto. Era um semicírculo longo e escuro acompanhando o meio-fio, e enquanto George olhava, um galho seco, com o tronco tão escuro e brilhoso quanto pele de foca, caiu na bocarra do bueiro. Ficou na beirada por um momento e escorregou para dentro. Era para lá que seguia seu barco.

— Ah, merda, merdinha — gritou ele consternado.

Ele aumentou a velocidade, e por um momento achou que conseguiria pegar o barco. Mas um de seus pés escorregou e ele caiu, arranhou um joelho e gritou de dor. Da nova perspectiva do nível da calçada, ele viu o barco balançar duas vezes, momentaneamente preso em outro rodão, e desaparecer.

— Merda, *merdinha!* — gritou ele de novo, e bateu com o punho no chão. Isso também doeu, e ele começou a chorar um pouco. Que maneira idiota de perder o barco!

Ele se levantou e andou até o bueiro. Ficou de joelhos e espiou lá dentro. A água fazia um som oco e úmido ao cair na escuridão. Era um som apavorante. Lembrava-o de...

— Há! — O som foi arrancado dele como se puxado por uma corda, e ele se encolheu.

Havia olhos amarelos lá dentro, o tipo de olhos que ele sempre imaginou, mas nunca realmente viu no porão. *É um animal*, pensou ele com incoerência, *só isso, um animal, deve ser um gato que ficou preso lá embaixo...*

Ainda assim, ele estava pronto para correr, *iria* correr em um segundo ou dois, quando seu painel de controle mental tivesse lidado com o choque provocado pelos dois olhos amarelos brilhantes. Ele sentiu a superfície áspera do macadame sob os dedos e a fina camada de água fria fluindo ao redor. Viu-se se levantando e se afastando, e foi quando uma voz, perfeitamente lógica e um tanto agradável, falou com ele de dentro do bueiro.

— Oi, Georgie — disse a voz.

George piscou e olhou de novo. Ele mal conseguia acreditar no que via; era como algo saído de uma história inventada, ou um filme em que você sabe que os animais vão falar e dançar. Se ele fosse dez anos mais velho, não teria acreditado no que estava vendo, mas não tinha 16 anos. Tinha seis.

Havia um palhaço no bueiro. A luz lá dentro não era nada boa, mas era boa o bastante para George Denbrough ter certeza do que estava vendo. Era um palhaço, como no circo ou na TV. Na verdade, ele parecia um cruzamento entre o Bozo e Clarabell, que falava apertando a buzina no programa *Howdy Doody* dos sábados de manhã. Buffalo Bob era o único que conseguia entender Clarabell, e isso sempre fazia George morrer de rir. O rosto do palhaço no bueiro era branco, havia tufo engraçado de cabelo vermelho de cada lado da cabeça careca e havia um grande sorriso de palhaço pintado sobre a boca. Se George estivesse vivo um ano depois, ele certamente pensaria em Ronald McDonald antes de Bozo ou Clarabell.

O palhaço segurava vários balões de todas as cores, como lindas frutas maduras, em uma das mãos.

Na outra, segurava o barco de papel de George.

— Quer seu barco, Georgie? — O palhaço sorriu.

George sorriu também. Não conseguiu evitar; era o tipo de sorriso que você tinha que retribuir.

— Claro que quero — disse ele.

O palhaço sorriu.

— “Claro que quero.” Isso é *ótimo!* Isso é *muito* bom! E que tal um balão?

— Bem... claro! — Ele esticou a mão... mas puxou de volta com relutância. — Não devo aceitar coisas de estranhos. Meu pai falou.

— Seu pai é muito sábio — disse o palhaço no bueiro, sorrindo. *Como*, perguntou-se George, *eu pude pensar que os olhos dele eram amarelos?* Eram de um azul intenso e saltitante, a cor dos olhos da mãe dele, e de Bill. — Muito sábio mesmo. Portanto, vou me apresentar. Eu, Georgie, sou o sr. Bob Gray, também conhecido como Pennywise, o Palhaço Dançarino. Pennywise, este é George Denbrough. George, este é Pennywise. E agora, nos conhecemos. Não sou um estranho pra você, e você não é um estranho pra mim. Certo?

George riu.

— Acho que sim. — Ele esticou a mão de novo... e recolheu a mão de novo. — Como você chegou aí embaixo?

— A tempestade me jogooooou longe — disse Pennywise, o Palhaço Dançarino. — Jogou todo o circo bem longe. Você consegue sentir o cheiro

do circo, Georgie?

George se inclinou para a frente. De repente, sentiu cheiro de amendoim! Amendoim quente torrado! E vinagre! Do tipo branco que se coloca na batata frita por um buraco na tampa! Sentiu cheiro de algodão-doce e bolinhos doces fritos e o odor leve e intenso de bosta de animal selvagem. Sentiu o aroma alegre de serragem. Ainda assim...

Ainda assim, debaixo de tudo havia o cheiro de inundação e folhas em decomposição e sombras escuras de bueiro. Esse cheiro era úmido e podre. O cheiro do porão.

Mas os outros cheiros estavam mais fortes.

— Pode apostar que consigo sentir — disse ele.

— Quer seu barco, Georgie? — perguntou Pennywise. — Só estou repetindo porque você não parece tão ansioso. — Ele o ergueu e sorriu. Estava usando uma roupa de seda larga com grandes botões laranja. Uma gravata berrante, azul-elétrica, caía pela frente do peito, e havia grandes luvas brancas em suas mãos, do tipo que Mickey Mouse e o Pato Donald sempre usavam.

— Sim, claro — disse George, olhando para dentro do bueiro.

— E um balão? Tenho vermelho e verde e amarelo e azul...

— Eles flutuam?

— Flutuam? — O sorriso do palhaço se alargou. — Ah, sim, claro que sim. Flutuam! E tem algodão-doce...

George esticou a mão.

O palhaço agarrou seu braço.

E George viu o rosto do palhaço mudar.

O que ele viu então era terrível o bastante para fazer suas piores fantasias da coisa no porão parecerem doces sonhos; o que ele viu destruiu sua sanidade em um golpe de uma garra.

— Eles *flutuam* — repetiu a coisa no bueiro com uma voz rouca e rindo. Ela segurou o braço de George em um abraço grosso e serpenteante, puxou George para aquela escuridão terrível onde a água corria e rugia e gritava ao levar a carga de destroços da tempestade em direção ao mar. George virou o pescoço para longe daquela escuridão e começou a gritar na chuva, a gritar loucamente para o céu branco de outono curvado sobre Derry naquele dia de

1957. Seus gritos eram agudos e cortantes, e em toda rua Witcham as pessoas foram até as janelas ou saíram correndo para as varandas.

— Eles *flutuam* — rosnou a coisa —, eles flutuam, Georgie, e quando você estiver aqui embaixo comigo, também vai flutuar...

O ombro de George bateu no cimento do meio-fio, e Dave Gardener, que ficou em casa em vez de ir trabalhar no The Shoebot na aquele dia por causa da enchente, viu apenas um garotinho de capa de chuva amarela, um garotinho que gritava e se contorcia na vala com água lamacenta passando sobre o rosto que fazia os gritos parecerem borbulhar.

— Tudo aqui embaixo *flutua* — sussurrou a voz podre que ria, e de repente houve um som de rasgo e uma onda flamejante de dor, e George Denbrough se foi.

Dave Gardener foi o primeiro a chegar, e apesar de só ter chegado 45 segundos depois do primeiro grito, George Denbrough já estava morto. Gardener o segurou pelas costas da capa de chuva, puxou-o para a rua... e começou a gritar quando o corpo de George foi virado em suas mãos. O lado esquerdo da capa de George estava vermelho-vivo. Sangue fluía para o bueiro pelo buraco esfarrapado onde ficava o braço esquerdo. Um pedaço de osso, horrivelmente branco, aparecia no tecido rasgado.

Os olhos do garoto estavam direcionados para o céu branco, e quando Dave cambaleou para trás, na direção dos outros que já corriam em desespero pela rua, começaram a se encher de chuva.

Em algum lugar abaixo, no bueiro que já estava cheio até a capacidade total com água de escoamento (não poderia haver ninguém lá embaixo, exclamaria depois o xerife do condado para um repórter do *Derry News* com uma fúria frustrada tão grande que era quase dor; o próprio Hercules teria sido levado naquela corrente fortíssima), o barco de George seguiu pelas câmaras escuras e longos corredores de concreto que rugiam e gritavam de tanta água. Por um tempo, seguiu ao lado de uma galinha morta que flutuava com as garras amarelas e reptilianas apontadas para o teto molhado; depois, em algum

cruzamento a leste da cidade, a galinha foi levada para a esquerda enquanto o barco de George seguiu em frente.

Uma hora depois, quando a mãe de George estava sendo sedada na emergência do Derry Home Hospital e quando Bill Gago estava sentado estupefato e silencioso na cama, ouvindo o pai chorar roucamente na sala de estar onde a mãe tocava *Für Elise* no momento em que George saiu, o barco saiu por um buraco no concreto como uma bala saindo do cano de um revólver e seguiu velozmente por um canal até um córrego qualquer. Quando chegou ao borbulhante e transbordante rio Penobscot 20 minutos depois, os primeiros pedaços de azul começaram a aparecer no céu. A tempestade acabou.

O barco mergulhou e balançou, e às vezes ficava cheio de água, mas não afundou; os dois irmãos o tinham protegido bem. Não sei onde afundou, se é que afundou; talvez tenha chegado ao mar e navegado lá para sempre, como um barco mágico de contos de fadas. Só sei que ainda estava flutuando e navegando na onda da enchente quando passou pelas fronteiras da cidade de Derry, no Maine, e lá ele saiu dessa história para sempre.

Capítulo 2

Depois do festival (1984)

1

O motivo de Adrian estar usando o chapéu, seu namorado choroso diria mais tarde para a polícia, foi por ter ganhado na barraca Jogue até Ganhar na feira do Bassey Park apenas seis dias antes de sua morte. Ele sentia orgulho do chapéu.

— Estava usando porque *amava* essa merdinha de cidade! — gritou o namorado, Don Hagarty, para os policiais.

— Calma, calma. Não há necessidade pra esse tipo de vocabulário — disse o policial Harold Gardener para Hagarty.

Harold Gardener era um dos quatro filhos de Dave Gardener. No dia em que seu pai encontrou o corpo sem vida e com apenas um braço de George Denbrough, Harold Gardener tinha 5 anos. Neste dia, quase 27 anos depois, ele tinha 32 e estava ficando calvo. Harold Gardener reconhecia a realidade da dor e do sofrimento de Don Hagarty, e ao mesmo tempo achava impossível levar a sério. Esse homem, se você quisesse chamá-lo de homem, estava usando batom e uma calça de cetim tão apertada que quase dava para ver as rugas do cacete dele. Com dor ou sem dor, com sofrimento ou sem sofrimento, ele era, afinal, apenas um veado. Como seu amigo, o falecido Adrian Mellon.

— Vamos repassar tudo — falou Jeffrey Reeves, o parceiro de Harold. — Vocês dois saíram do Falcon e viraram em direção ao canal. E depois?

— Quantas vezes preciso contar pra vocês, seus idiotas? — Hagarty ainda estava gritando. — Eles mataram ele! Empurraram pela lateral! Era apenas mais um dia na Cidade Macho pra eles! — Don Hagarty começou a chorar.

— Mais uma vez — repetiu Reeves pacientemente. — Vocês saíram do Falcon. E depois, o quê?

2

Em uma sala de interrogatório no mesmo corredor, dois policiais de Derry estavam falando com Steve Dubay, de 17 anos; no escritório do escrivão no andar de cima, mais dois estavam interrogando John “Webby” Garton, de 18 anos; e na sala do chefe de polícia no quinto andar, o chefe Andrew Rademacher e o promotor público assistente Tom Boutillier estavam interrogando Christopher Unwin, de 15 anos. Unwin, que usava calça jeans surrada, uma camiseta suja de graxa e pesadas botas de couro, estava chorando. Rademacher e Boutillier o tinham levado porque o avaliaram precisamente como o elo mais fraco da corrente.

— Vamos repassar tudo — disse Boutillier nessa sala ao mesmo tempo que Jeffrey Reeves dizia a mesma coisa dois andares abaixo.

— A gente não queria matar ele — disse Unwin, chorando. — Foi o chapéu. A gente não conseguia acreditar que ele ainda estava usando o chapéu depois, você sabe, depois do que Webby disse na primeira vez. E acho que a gente queria assustar ele.

— Pelo que ele disse — comentou o chefe Rademacher.

— É.

— Pro John Garton na tarde do dia 17.

— É, pro Webby. — Unwin recomeçou a chorar. — Mas tentamos salvar ele quando vimos que estava com dificuldade... pelo menos eu e Stevie Dubay tentamos... a gente não pretendia *matar* ele!

— Para com isso, Chris, não enrola a gente — disse Boutillier. — Vocês jogaram o veadinho no canal.

— É, mas...

— E vocês três vieram pra encarar e esclarecer as coisas. O chefe Rademacher e eu apreciamos isso, não é, Andy?

— Pode apostar. Tem que ser homem pra admitir o que fez, Chris.

— Então não se ferre mais mentindo agora. Vocês pretendiam jogar ele assim que viram ele com o amigo bicha saindo do Falcon, não é?

— Não! — Chris Unwin protestou com veemência.

Boutillier pegou um maço de Marlboro no bolso da camisa e colocou um cigarro na boca. Ofereceu o maço para Unwin.

— Cigarro?

Unwin pegou um. Boutillier precisou seguir a ponta com um fósforo para conseguir acender, pelo tanto que a boca de Unwin tremia.

— Mas quando vocês viram que ele estava usando o chapéu? — perguntou Rademacher.

Unwin tragou profundamente, baixou a cabeça, o que fez o cabelo oleoso cair por cima dos olhos, e expeliu a fumaça pelo nariz, que era coberto de pontos pretos de cravos.

— É — disse ele, quase baixo demais para ser ouvido.

Boutillier se inclinou para a frente com os olhos castanhos brilhando. O rosto estava predatório, mas a voz estava gentil.

— O que, Chris?

— Eu disse é. Acho que sim. Jogar ele, sim. Mas não matar. — Ele ergueu o olhar naquele momento, com o rosto desesperado e infeliz e ainda incapaz de compreender as gigantescas mudanças que aconteceram em sua vida desde que ele saiu de casa para aproveitar a última noite do Festival do Canal de Derry com seus dois amigos às 19h30 da noite anterior. — Matar ele, não! — repetiu ele. — E aquele cara debaixo da ponte... Eu *ainda* não sei quem *ele* era.

— Que cara era esse? — perguntou Rademacher, mas sem muito interesse. Eles também já tinham ouvido essa parte antes, e nenhum dos dois acreditou. Cedo ou tarde, homens acusados de assassinato quase sempre surgem com um misterioso outro cara. Boutillier até tinha um nome para isso: chamava de “Síndrome do Homem de Um Braço”, por causa daquela velha série de TV, *O Fugitivo*.

— O cara de roupa de palhaço — disse Chris Unwin, e tremeu. — O cara com os balões.

O Festival do Canal, que ia de 15 a 21 de julho, foi um enorme sucesso, como concordava a maior parte dos residentes de Derry: uma ótima coisa para o moral e para a imagem da cidade... e para os cofres. O festival de uma semana aconteceu para marcar o centenário da abertura do canal que passava pelo meio da cidade. Foi o canal que abriu completamente Derry para o comércio de madeira nos anos 1884 a 1910; foi o canal que deu à luz os anos de crescimento de Derry.

A cidade estava decorada de leste a oeste e de norte a sul. Buracos que alguns residentes juravam não serem tapados havia anos ou mais foram preenchidos e nivelados. Os prédios da cidade foram reformados por dentro e pintados por fora. O pior das pichações no Parque Bassey (a maior parte declarações cheias de lógica antigay como *MATEM TODOS OS VEADOS E AIDS É DE DEUS, SEUS BICHAS DOS INFERNOS!!*) foi lixado dos bancos e das paredes de madeira da pequena passarela coberta sobre o canal conhecida como Ponte do Beijo.

Um Museu do Canal foi montado em três lojas vazias no centro com exposições organizadas por Michael Hanlon, um bibliotecário local e historiador amador. As famílias mais antigas da cidade emprestaram de bom grado seus tesouros quase inestimáveis, e durante esta semana de festival, quase 40 mil visitantes pagaram 25 centavos por cabeça para olhar cardápios de restaurantes dos anos 1890, ferramentas de lenhadores dos anos 1880, brinquedos de criança dos anos 1920 e mais de 2 mil fotos e nove filmes da vida em Derry nos últimos cem anos.

O museu foi patrocinado pela Sociedade de Senhoras de Derry, que vetou alguns dos itens de exposição propostos por Hanlon (como a notória prisão em forma de cadeira dos anos 1930) e fotos (como as da gangue Bradley depois do famoso tiroteio). Mas todos concordaram que foi um grande sucesso, e ninguém queria mesmo ver essas coisas velhas e nojentas. Era tão melhor acentuar o positivo e eliminar o negativo, como dizia a velha canção.

Havia uma enorme barraca listrada de bebidas no Parque Derry, e shows de bandas lá todas as noites. No Parque Bassey, havia brinquedos de parque de diversão levados pelo Smokey's Greater Shows e jogos organizados pela população. Um bondinho especial circulava pelas seções históricas da cidade de hora em hora e acabava nessa área barulhenta e agradável de fazer dinheiro.

Foi aqui que Adrian Mellon ganhou o chapéu que levaria à sua morte, a cartola de papelão com a flor e a faixa que dizia EU ♥ DERRY!

4

— Estou cansado — disse John “Webby” Garton. Como seus dois amigos, ele estava usando uma imitação inconsciente das roupas de Bruce Springsteen, embora, se perguntado, ele provavelmente chamaria Springsteen de fracote ou boiola e declararia admiração por grupos de heavy metal “do cacete” como Def Leppard, Twisted Sister ou Judas Priest. As mangas da camiseta azul lisa tinham sido cortadas, deixando à mostra os braços bastante musculosos. O cabelo castanho volumoso caía sobre um dos olhos; esse toque era mais John Cougar Mellencamp do que Bruce Springsteen. Havia tatuagens azuis em seus braços, símbolos misteriosos que pareciam desenhados por uma criança. — Não quero mais falar.

— Só nos conte sobre a tarde de terça na feira — disse Paul Hughes. Ele estava cansado, chocado e consternado por todo esse negócio sórdido. Pensou mais de uma vez que parecia que o Festival do Canal de Derry estava terminando com um evento final sobre o qual todo mundo de alguma forma sabia, mas que ninguém ousou colocar na programação diária de eventos. Se tivessem feito isso, ficaria assim:

Sábado, 21h: Último show com a Derry High School Band e Barber Shop Mello-Men.

Sábado, 22h: Grandioso show de fogos.

Sábado, 22h35: O sacrifício ritual de Adrian Mellon encerra oficialmente o Festival do Canal.

— Foda-se a feira — respondeu Webby.

— Só o que você disse pra Mellon e o que ele disse pra você.

— Ah, Deus. — Webby revirou os olhos.

— Vamos lá, Webby — disse o parceiro de Hughes.

Webby Garton revirou os olhos e começou tudo de novo.

Garton viu os dois, Mellon e Hagarty, andando com afetação, com os braços na cintura um do outro e rindo como duas garotas. A princípio, ele achou mesmo que *eram* duas garotas. Mas reconheceu Mellon, que tinha sido mostrado a ele antes. Quando ele olhou, viu Mellon se virar para Hagarty... e eles se beijaram rapidamente.

— Ah, cara, vou vomitar! — gritou Webby, enojado.

Chris Unwin e Steve Dubay estavam com ele. Quando Webby mostrou Mellon, Steve Dubay disse que achava que a outra bicha se chamava Don alguma coisa e que ele tinha dado carona a um garoto da Derry High e tentado dar em cima dele.

Mellon e Hagarty começaram a andar em direção aos três garotos de novo, afastando-se da barraca Jogue até Ganhar e indo em direção à saída da feira. Webby Garton mais tarde contaria aos policiais Hughes e Conley que seu “orgulho cívico” fora ferido ao ver uma porra de veado usando um chapéu que dizia EU ♥ DERRY. Era uma coisa boba, aquele chapéu, uma imitação de papel de uma cartola com uma enorme flor no alto balançando em todas as direções. A tolice do chapéu aparentemente feriu o orgulho cívico de Webby ainda mais.

Quando Mellon e Hagarty passaram, cada um com o braço passado pela cintura do outro, Webby Garton gritou:

— Eu devia te fazer *comer* esse chapéu, seu come-bunda de merda!

Mellon se virou para Garton, piscou de um jeito paquerador e disse:

— Se você quer comer alguma coisa, querido, sei de uma coisa *muito* mais gostosa do que o meu chapéu.

Nesse ponto, Webby Garton decidiu rearrumar o rosto da bicha. Na geografia do rosto de Mellon, montanhas subiriam e continentes mudariam de lugar. *Ninguém* sugeria que ele chupasse pau. *Ninguém*.

Ele partiu para cima de Mellon. Alarmado, Hagarty tentou afastar Mellon, mas ele se manteve firme e sorrindo. Garton mais tarde contaria aos policiais Hughes e Conley que tinha certeza de que Mellon estava doidão de alguma coisa. Estava mesmo, concordaria Hagarty quando essa ideia fosse passada para

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "It: A coisa"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).